

O Rei, o Vírus, e a Coroa perdida

(Portoghese)

Era uma vez um Rei sem coroa.

O Rei estava triste porque, sem coroa, ninguém o reconhecia ou respeitava.

A coroa do Rei tinha sido roubada algum tempo antes por um tipo esquisito, estranho e muito pequenino que dizia chamar-se Vírus, mas que desde que tinha roubado a coroa do Rei, todos tratavam por Corona. Movia-se por todo o lado, sempre de coroa na cabeça, toda branca e vermelha, e brincava, saltitava, entrava em todo o lado, nas lojas, nas oficinas, e mesmo nas casas, tocando tudo e todos.

Cada vez que tocava qualquer coisa ou alguém, deixava uma marca com os dedos, um pequeno traço vermelho, como um pó fino que ficava agarrado às coisas, às casas e às pessoas, que, depois de terem sido tocadas, ficavam pouco a pouco vermelhas e adoeciam. Mas o Vírus estava satisfeito com a sua obra e quanto mais tocava, mais se divertia a ver toda a Aldeia a tornar-se vermelha em poucos dias.

O Rei, todavia, não estava nada divertido.

Todos os dias, os seus secretários e conselheiros lhe diziam que aquele pequeno mostrengo, ladrão de coroas, estava a transformar não apenas a cor do Reino, como também o seu estado de espírito. Todos se sentiam cada vez mais tristes e doentes, mas como ele tinha a Coroa na cabeça, o povo odiava cada vez mais o Rei pois pensavam que este lhe tinha dado para fazer pirraça aos súbditos.

Até que um dia, o Rei, cada vez mais zangado e preocupado com o que se estava a passar, decidiu que era altura de agir para recuperar a Coroa e bloquear esse sujeitinho que estava a destruir a vida da Aldeia.

O Rei pôs-se a pensar, a pensar e chamou os secretários e conselheiros para ouvir as ideias que tivessem a sugerir antes de tomar uma decisão. O Rei e os seus fiéis discutiram um dia inteiro que medidas podiam tomar para bloquear o Vírus e recuperar a Coroa. Mas nenhuma das propostas recebidas convenceu o Rei que se deitou nessa noite muito desiludido e preocupado.

Mas durante a noite, dormindo, dormindo e sonhando a dormir, teve uma ideia convincente: ele próprio se disfarçaria de cantoneiro, como aqueles que tapam os buracos nas estradas, e levaria consigo um balde cheio de uma cola preta preta fortíssima que, espalhada no chão, imobilizaria imediatamente qualquer pessoa que a pisasse. Pensou então que no dia seguinte, assim vestido e equipado, iria à Aldeia ao encontro do Vírus. Aproximar-se-ia dele e chamá-lo-ia, como para lhe pedir uma informação, depois de ter derramado um pouco de cola no chão entre eles, para

conseguir imobilizá-lo. Então, enquanto o Vírus se debatesse desesperado para se libertar da imobilização inesperada, tirar-lhe-ia a coroa da cabeça.

Satisfeito com esta ideia, chamou imediatamente o seu secretário de manhã cedo e pediu-lhe que lhe trouxesse logo a roupa de um cantoneiro, os sapatos, um chapéu de trabalho, as luvas, o balde e a cola especial preta preta que servia para tapar os buracos na estrada.

Assim que lhe trouxeram a roupa e o balde, o Rei mudou-se completamente. Muito feliz, mas também muito nervoso e decidido, saiu do Castelo, e sem que ninguém o reconhecesse, dirigiu-se para o centro da Aldeia à procura do maldito Vírus.

Logo que o avistou ao longe numa rua lateral, preparou o golpe. Avançou de forma a ser ouvido e disse-lhe: «*Senhor Vírus, podia por favor aproximar-se, gostava de lhe pedir um favor?*»

O Vírus pensando que tinha uma bela oportunidade para tocar um novo habitante da Aldeia, aproximou-se todo contente daquele que lhe parecia ser um vulgar operário. Mas mal se aproximou do Rei, que tinha entretanto derramado um bom bocado de cola no chão, sentiu-se imobilizado, com os pés completamente colados ao chão. E enquanto gritava e esbracejava, tentando descalçar-se, o Rei Operário, com um movimento rápido e inesperado, tirou-lhe a Coroa da cabeça e fugiu!

O Vírus ficou ali, de cabeça descoberta, gritando cada vez mais possesso enquanto muitos habitantes da rua acorriam para ver o que se estava a passar. Vendo o Vírus sem coroa e colado ao chão, começaram a gritar de alegria até que alguém foi buscar uma corda para o amarrar bem. Depois de o tirarem dos sapatos, levaram-no para a prisão acabando definitivamente com a sua maldita influência na Aldeia que tinha adoecido ao colorir-se de vermelho.

O Rei regressou ao Castelo, vestiu-se de novo como um Rei e colocou a Coroa na cabeça. Organizou então um cortejo para mostrar a todos que o Rei tinha voltado, bom como sempre, e que a Aldeia voltaria a viver em paz. E melhor ainda, que depois de curados todos os doentes, a vida sem o maldito Vírus, na prisão, seria mais bela e justa para todos.

(Anabela Pereira)